

Proleirários de todos os países: UNI-VOS!



ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS



SALAZAR QUER «ELEIÇÕES» SEM OPOSIÇÃO

UNAMOS TODA A NAÇÃO CONTRA SALAZAR!

O terror não impediu a comemoração do 5 de Outubro

Os acontecimentos do dia 5 de Outubro confirmam que os governantes fascistas estão dispostos a ir cada vez mais longe no caminho dos crimes e da violência para se conservar no poder.

A brutal exibição de forças policiais que se fez por todo o país, as metralhadoras nas ruas, as cargas de cassetete sobre os manifestantes, as prisões, a publicação dum miserável «nota» nos jornais destinada a aterrorizar o povo — mostram que o governo fascista sente o vigor do movimento de massas que se está formando em torno das suas eleições-burla e procura desde já sufocá-lo sem olhar a meios. Mas este aparato de violência não pôde impedir que a jornada do 5 de Outubro, ficasse assinalada em vários pontos do país por importantes acções populares nas quais a classe operária e a juventude com a sua valentia tiveram um papel destacado. Embora não nos tenham ainda chegado informações completas, podemos afirmar que o 5 de Outubro mostrou a disposição dos trabalhadores e do povo de romper contra a monstruosa repressão dos salazaristas e levar por diante as suas reivindicações.

Em Lisboa, muitos trabalhadores e jovens corresponderam ao apelo de dezenas de milhares de manifestos e tarjetas espalhadas por toda a cidade e dirigiram-se à manifestação apesar de alguns democratas, assustados com a perspectiva de uma repressão feroz, terem aconselhado a que se desistisse. O aspecto de algumas zonas de Lisboa era o de estado de sítio: uma multidão de polícias, agentes da

PIDE, legionários e guardas da GNR, armados de metralhadoras, fechava as ruas e obrigava toda a gente a circular mas não pôde impedir que centenas de manifestantes desfilassem no Alto de S. João e na estátua de António José de

(continua na 2.ª pág.)

Operários e trabalhadores!

A principal arma da classe operária é a sua organização. Por isso apelamos para que ela se una, organize e lute em torno do seu Partido de classe, o Partido Comunista, para que se organize nas fileiras do Partido, os trabalhadores mais honestos, mais conscientes e combativos. É necessário unir e organizar os milhares e milhares de trabalhadores sem partido em comissões de unidade, comissões eleitorais, comissões sindicais e outras, nas fábricas e oficinas, nos campos, nas cidades e aldeias, nos escritórios.

Do manifesto de Setembro do Comité Central do Partido Comunista Português

A força do povo é invencível!

A situação desesperada em que se encontra o regime fascista levou-o a lançar-se numa fantochada «eleitoral» ainda mais cínica e brutal que as anteriores. Desta vez, não é só a votação que se transforma num logro, com o recenseamento falsificado e com as trapaças dos

fascistas nas urnas onde não é aceite qualquer fiscalização: é a própria campanha «eleitoral» já tão limitada, que o governo pretende reduzir a zero.

O despacho de Salazar, em resposta a uma exposição de diversos democratas e o discurso do ministro Correia de Oliveira anunciaram ao País uma campanha «eleitoral» na qual não será consentida a propaganda nem a agitação, na qual fica proibido o debate em torno das questões mais vitais do País, uma campanha em que a Oposição só é autorizada a uma coisa: dar o seu acordo à política fascista-colonialista de Salazar. Assim, o regime de Salazar na agonia «aperfeiçoa» de novo o sistema. Desta vez, o seu desafio insolente ao País é: nem eleições, nem campanha eleitoral.

Mês após mês, o governo da ditadura tem vindo a preparar esta farsa eleitoral. A preparação das «eleições» começou com a prisão de numerosos democratas em que além de outros que já noticiámos se destacam os drs. Ramos da Costa, Arlindo Vicente, Abranches Ferrão, Adão e Silva, eng.º António Abreu, de Lisboa, e os drs. Veloso Pinho, Olívio França e Araújo Correia, do

(continua na 2.ª pág.)

REUNIÃO DO COMITÉ CENTRAL

Realizou-se em Setembro uma nova reunião do Comité Central, na qual foram debatidas importantes questões, nomeadamente sobre:

- a materialização da linha política do Partido e as próximas «eleições» para deputados.
- problemas de organização e de ligação com as massas
- problemas de orientação do movimento da juventude
- questões de direcção.

O Comité Central aprovou um manifesto onde define a posição do Partido face à actual situação política e às tarefas que se colocam ao conjunto das forças oposicionistas no período «eleitoral». Também aprovou uma resolução sobre o movimento da juventude que será publicada no próximo número de «O Militante», tal como algumas das conclusões sobre o balanço feito aos efectivos e organizações do Partido.

Ganhar rapidamente todo o Partido para uma elevada e justa compreensão da linha do levantamento nacional, fazer novos e mais decisivos esforços para criar um forte Partido estreitamente ligado às massas, eis algumas das conclusões do Comité Central, conclusões que importa discutir largamente em todas as organizações do Partido.

AVANTE NA LUTA PELA DEMOCRACIA!

As concepções putchistas e abstencionistas, aliadas à resistência de alguns sectores da oposição a uma ampla unidade de acção das forças democráticas, provocaram sérios prejuízos na preparação da Oposição para a campanha «eleitoral». Mas foram principalmente

a repressão e as ilegalidades salazaristas que tornou impossível a apresentação de candidaturas em todos os distritos.

Mas o facto da Oposição ter conseguido, apesar dessas circunstâncias, apresentar listas em 8 distritos do continente, 1 lista em Moçambique e outra no Funchal, é um acontecimento jamais verificado nas anteriores «eleições» para deputados e constitui um inegável êxito da acção democrática e anti-salazarista. Tal facto, juntamente com a apresentação duma lista monárquica em oposição à «União Nacional» são uma demonstração do alargamento da oposição e da sua crescente força, enquanto que a confissão salazarista de que pretendem adiar as «eleições», o cortejo de arbitrariedades e o silêncio «eleitoral» que o governo quer impôr são um sintoma da sua fraqueza e da incerteza reinante nas hostes salazaristas.

Salazar esforçar-se-á por ilegalizar ou manietar as candidaturas de Oposição, procurando impedir-las de esclarecer, unir e mobilizar o povo.

Que fazer?

Que fazer perante as violências e ilegalidades a que Salazar e C.ª

recorrerão mais do que nunca? Aceitar ou ceder antes as suas ilegalidades seria abdicar do direito de lutar e condenar o povo à sujeição. Preconizar a abstenção na campanha «eleitoral» é cruzar os braços e ficar à espera dum ilusório putch militar. Ilusão que só beneficia o fascismo na medida em que paraliza a acção de massas e as mantém numa dormente expectativa.

O único caminho acertado é saber canalizar o profundo descontentamento e as energias revolucionárias do nosso povo para acções organizadas contra a ditadura fascista e a sua política anti-nacional, enfrentar e não respeitar as ilegalidades fascistas que o governo pretende constituir um direito seu.

O governo não quer que a Oposição participe nas «eleições», mas a poderosa acção das massas poderá arrancar ao fascismo condições para fazer erguer a sua voz e a sua força.

Se as classes trabalhadoras intensificarem a sua acção e as forças democráticas alargarem a sua unidade, se fundirem as reivindicações económicas e políticas mais sentidas por toda a Nação, se criarem centenas de comissões eleitorais e souberem aproveitar audaciosamente a crescente disposição de luta

(continua na 2.ª pág.)

Unidade e acção!

«Para que o movimento «eleitoral» ganhe rapidamente uma grande amplitude, é necessário que ele se desenvolva em torno das reivindicações fundamentais do povo no momento presente:

- Luta pela terminação imediata da guerra em Angola e pelo regresso dos soldados enviados para as colónias
- Luta pelo reconhecimento do direito dos povos coloniais à autodeterminação e independência
- Luta por aumento de salários, contra a carestia da vida, o aumento dos impostos e despesas militares
- Luta contra a repressão e por uma ampla Amnistia para todos os presos, perseguidos e exilados políticos
- Luta pela consulta livre e rectificações dos cadernos eleitorais e pela fiscalização de todo o acto eleitoral pela Oposição apoiada na acção das massas populares
- Luta pela liberdade de imprensa, pela abolição da censura e da PIDE
- Luta contra o jugo dos monopólios e pela Reforma Agrária
- Luta por uma política de paz e pela liquidação das bases militares em território nacional».

Do manifesto de Setembro do Comité Central do Partido Comunista Português

AVANTE NA LUTA PELA DEMOCRACIA!

(continuação da 1.ª pag.ª)

das massas como ficou evidenciado no 5 de Outubro, a campanha "eleitoral" transformar-se-á, contrariamente à vontade e objectivos de Salazar, numa importantíssima fase da luta pelo derrubamento do regime. Como se diz no manifesto de Setembro do Comité Central, «tudo depende da envergadura da luta popular, da compreensão política e do grau de organização das forças democráticas e anti-salazaristas e muito especialmente da acção da classe operária».

Peia vontade do Governo não haverá propaganda «eleitoral» nem sessões públicas. Que fazer?

Onde não for possível realizar sessões públicas, há que fazer amplas reuniões e comícios nas fábricas, nas escolas, nas cidades e aldeias, onde for possível, sem esperar pela autorização do fascismo.

O Governo reforçará a censura à imprensa e proibirá todos os artigos, entrevistas, publicações e manifestos que denunciem abertamente a política salazarista. Que fazer?

O caminho, é publicar manifestos, cartazes e folhetos, sem recorrer à censura e encher as ruas, os muros, as estradas do país de inscrições com as consignas da luta da Oposição.

Nos distritos onde há candidaturas de Oposição ou nos distritos onde elas não existem, ou como sucede em Braga, onde há duas listas oposicionistas, o caminho deve ser sempre o mesmo: se os objectivos são comuns a toda a oposição há que desenvolver por todos os meios as acções comuns de massas e reforçar a unidade e a organização das forças democráticas e anti-salazaristas.

A força do povo é invencível!

(continuação da 1.ª pag.ª)

Porto. A preparação das «eleições» começou com uma acção policial em Torres Novas que afrou para a cadeia 39 pessoas, com a prisão em Setúbal do lutador camponês José Pacheco e com prisões de trabalhadores por todo o País. A preparação das «eleições» está no aparato bélico e nas cargas brutais sobre os manifestantes do 5 de Outubro, está nas constantes manobras da PSP para o combate nas ruas de Lisboa e nas ordens para atirar a matar sobre o povo. As «eleições» fascistas foram preparadas com os cortes em massa no recenseamento, que já impediram numerosos democratas de se candidatarem nas listas da Oposição, com a recusa descarada de passar certificados de eleitor, com as exigências e intimidações de toda a espécie. E ainda de preparação das «eleições» que se trata quando o cardeal Cerejeira envia uma circular a todos os padres avisando-

OIÇA A RÁDIO!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 19,30 às 20 e das 21 às 21,30 horas pelas ondas de 25,31,41 e 49 e 25,31 e 41 m. respectivamente

PRAGA: Diariamente, em português, das 19 às 19,30 h. e das 23,30 às 24 h. em 16, 19 e 25 metros; e em ondas médias, em 233 metros.

A via para o derrubamento da ditadura fascista é o levantamento em massa da Nação. «Mas o levantamento nacional não é uma acção que se possa decretar quando se deseja», como é salientado no manifesto do Comité Central. Não são as acções putchistas nem os métodos terroristas, mas as lutas de massas, os movimentos de massas, o reforçamento da unidade e da organização das forças democráticas no plano legal e clandestino, que poderão elevar a luta e a organização a formas superiores e criar as condições necessárias para o levantamento nacional.

Somente os que navegam em ilusões putchistas ou os que reciam

O terror não impediu a comemoração do 5 de Outubro

(continuação da 1.ª pag.ª)

Almeida. As forças policiais atacaram brutalmente os jovens que procuravam concentrar-se, fazendo vários feridos e prendendo uma dezena de manifestantes e dois jornalistas, ao mesmo tempo que identificavam e fotografavam em rusgas nas ruas e cafés centenas de pessoas.

Outras iniciativas foram realizadas neste dia em Lisboa, destacando-se um almoço de confraternização democrática onde 60 jovens reforçaram a sua decisão de chamar toda a juventude da cidade à luta política na campanha «eleitoral» e aprovaram uma saudação aos presos políticos.

Em Almada, a classe operária que realizara dias antes uma reunião de 50 pessoas, marcou a sua firmeza e espírito de organização. O local de concentração esteve todo o dia completamente ocupado pela polícia armada até aos dentes e ro-

de-os de que não serão confirmados nos seus cargos se tomarem quaisquer posições contra o governo, o que prova mais uma vez a estreita colaboração do alto clero com a ditadura.

Depois disto, as afirmações de Salazar e do ministro Correia de Oliveira de que as prisões verificadas nada têm a ver com a preparação das «eleições» e de que o governo não intervém na campanha eleitoral é um insulto à Nação. Ao contrário do que apregoam os fascistas, eles temem mais do que nunca a luta popular e por isso entrincheiraram-se atrás da polícia, contando assim poder apresentar perante o mundo uma fachada «eleitoral» erguida sobre as arbitrariedades e o terror. Isso impõe aos trabalhadores, à juventude e a todo o povo, não virar costas à farsa «eleitoral», mas pelo contrário, romper a fachada da legalidade fascista, vir para a rua, enfrentar unidos a repressão fascista e apresentar neste período perante o País e perante o mundo as reivindicações fundamentais da Nação.

O ministro Correia de Oliveira anunciou à Nação aquilo que o governo não consente. É agora a vez do povo dizer aquilo que a Nação exige. Respondamos à manobra «eleitoral» com a força invencível do nosso Povo!

que as massas e muito particularmente a classe operária tenham um papel decisivo no derrubamento do fascismo poderão aconselhar o abstencionismo em relação à campanha «eleitoral» e cruzar os braços ante as arbitrariedades salazaristas.

Nós, comunistas, não receamos as massas e a sua energia revolucionária quando em movimento e consideramos que só com elas e a participação decisiva da classe operária, o fascismo poderá ser derrubado.

A caminho do levantamento em massa da Nação contra a ditadura fascista! Avante na luta pela liberdade, a paz e a independência nacional!

deada de carros mas isto não chegou para assustar os operários que desfilarão às centenas desde manhã. Ao fim da tarde, como a PIDE ordenasse aos policiais que prendessem um democrata que ia colocar um ramo de flores, os trabalhadores que já então passavam de 500, começaram a gritar indignados para os agentes da PIDE: «Seus cobardes, vocês só são valentes é lá dentro, aqui tem é medo! Em breve chegará o ajuste de contas!» Um agente da PIDE puxou da pistola mas foi imediatamente agarrado pelos trabalhadores enquanto outros arrancavam o democrata das mãos da polícia e o libertavam. Foi aos gritos de: «Temos fome, queremos maiores salários» que os valentes operários de Almada dispersaram depois de terem feito a prova da sua força.

Em Torres Vedras, num jantar de confraternização onde participaram 140 democratas, foi afirmada a decisão de levar até ao fim a campanha «eleitoral», desafiando as arbitrariedades e violências da ditadura. Também no Porto e noutros pontos do país foi assinalada com diversas acções a jornada do 5 de Outubro.

Enfrentando a brutal repressão fascista, os trabalhadores, a juventude e todo o povo ganham consciência da sua força, dispõem-se a alargar a sua unidade e a passar a novas acções contra a ditadura.

Auxiliai o Partido!

Para a realização das enormes tarefas que se colocam ao Partido Comunista, vanguarda da classe operária, é necessário aumentar as suas receitas.

Auxiliar financeiramente o Partido é contribuir para a cessação da guerra de Angola e pela libertação do povo português. O Partido necessita do auxílio financeiro não só dos comunistas mas de todos os democratas e anti-salazaristas.

Criai grupos de amigos do Partido e do «Avante!». Organizai as mais variadas iniciativas! Pagai regularmente o «Avante!» Aumentai a recolha de fundos e as receitas do Partido!

Com este número do «Avante!» sai um suplemento com rubricas dos amigos do Partido num total de: 62.776590

HOMENAGEM DOS TRABALHADORES

a Álvaro

Quando da visita do camarada Álvaro Cunhal à Fábrica Metalúrgica de ligas especiais de Moscovo, no dia 4 de Outubro, os trabalhadores da fábrica, operários, engenheiros e empregados, organizaram um comício a que assistiram mais de 800 pessoas, de homenagem ao nosso camarada e de solidariedade para com os operários e o povo de Portugal, vítimas da opressão salazarista.

No comício, falaram em primeiro lugar representantes dos operários soviéticos que saudaram em A. Cunhal os comunistas, a classe operária e o povo de Portugal, manifestando a sua fraternal solidariedade a todos quantos sofrem nos cárceres salazaristas.

«Nós sabemos», disse um operário, «que a luta dos comunistas portugueses tem sido e continua a ser muito difícil, mas que eles confiam firmemente que o regime fascista será inevitavelmente derrubado e será conquistada a democracia. Que os comunistas portugueses e o povo português saibam que não estão sós nas suas difíceis lutas, que com eles está o povo da União Soviética e de todo o campo socialista, toda a humanidade progressista».

Falando no comício, Álvaro Cunhal, ardentemente aplaudido pelos operários soviéticos, depois de salientar vários aspectos da repressão fascista em Portugal e nas cadeias salazaristas, repressão que ele próprio sofreu durante mais de 11 anos na sua carne, manifestou o profundo reconhecimento dos comunistas, dos trabalhadores e do povo de Portugal pela solidariedade dos trabalhadores e do povo soviéticos, solidariedade, disse, hoje mais necessária do que nunca.

Perante os operários soviéticos, Álvaro Cunhal, lembrou comovido todos quantos sofrem nos cárceres salazaristas, em particular os nossos camaradas Francisco Miguel e Manuel Rodrigues da Silva, cada um com mais de vinte anos de prisão, manifestando o desejo de que as suas palavras e o conhecimento daquela homenagem chegassem

AMNISTIA

A luta pela Amnistia aos presos políticos tem vindo a crescer e a aumentar de volume nestes últimos anos.

Não há outra reivindicação que tenha estado mais constantemente presente em todas as lutas «eleitorais». Não há outra reivindicação que mais facilmente tenha conseguido reunir à sua volta tantos milhares de portugueses. As assinaturas recolhidas ao longo destes 30 e tal anos para variados pedidos de Amnistia, somam centenas de milhares.

Agora, que entrámos no período das «eleições» para deputados, abrem-se condições para desenvolver uma grande campanha nacional pela Amnistia, transformando em acções concretas a solidariedade e carinho que o nosso povo sente pelos presos políticos.

No norte iniciou-se uma recolha de assinaturas a enviar ao Presidente da República pedindo um inquérito à actuação da PIDE dentro dos estabelecimentos prisionais e uma total Amnistia. Em pouco tempo conseguiram-se cerca de 300 assinaturas. A essas podem agora juntar-se milhares de assinaturas, se se fizerem amplas recolhas à saída das fábricas, nas escolas e universidades, nos mercados, nos estádios, nas sessões públicas «eleitorais».

A acção organizada e massiva do povo português por uma ampla Amnistia aos presos políticos, teria uma importância excepcional, principalmente agora, quando os povos de todo o mundo ampliam o seu apoio à nossa luta contra a repressão em Portugal e nas colónias.

Depois das conferências Sul-

BALHADORES SOVIÉTICOS

o Cunhal

junto de todos, levando a todos a certeza de que não estão esquecidos, que a luta contra o regime desumano de Salazar é cada vez mais poderosa, de que cresce o movimento internacional pela liberdade dos presos políticos e a solidariedade aos democratas e patriotas portugueses vítimas da regressão salazarista.

Alvaro Cunhal disse que nem só os comunistas e os democratas portugueses sofrem as perseguições dos salazaristas. Nas colónias portuguesas os colonialistas enchem as prisões e torturam os patriotas que lutam pela liberdade dos seus povos.

«Não se confunda Salazar com o povo português», salientou A. Cunhal. O povo português opõe-se corajosamente à política colonialista de Salazar. Apesar do apoio que os imperialistas americanos lhe dão, Salazar está irremediavelmente batido na guerra de Angola.

A. Cunhal afirmou que para pôr fim ao criminoso reinado do salazarismo é mais do que nunca necessária a unidade de acção de todos os democratas e patriotas na luta pelos direitos e liberdades democráticas tanto dentro do país como dos que vivem no estrangeiro.

Concluindo o seu discurso, A. Cunhal afirmou que «a construção do comunismo na União Soviética é um passo de gigante para a libertação dos povos ainda explorados e oprimidos. A felicidade do povo soviético faz parte do património e da história revolucionária dos trabalhadores e dos povos do mundo. Nós, portugueses, sabemos que construindo a sua felicidade o povo soviético ajuda poderosamente o povo português».

Encerrando o comício, foi aprovada por unanimidade uma moção dos operários da Fábrica Metalúrgica de Moscovo, enviando a sua ardente e fraternal saudação aos comunistas, aos trabalhadores e ao povo de Portugal e manifestando o seu protesto contra a brutal repressão que pesa sobre o povo português.

É UM ANSEIO NACIONAL

-Americanas Pró-Amnistia em Portugal e Espanha, realizadas em 1960 em S. Paulo (Brasil) e em Montevidéu (Uruguai), em Janeiro de 1961, realizou-se em Agosto deste ano em Santiago do Chile, uma conferência inter-parlamentar para discutir exclusivamente a situação dos presos políticos de Espanha e Portugal.

Esta Conferência aprovou várias resoluções tendentes a incrementar na América Latina a luta pró-Amnistia em Espanha e Portugal, intervindo junto dos seus parlamentos, centrais sindicais e organizações sociais. Com o mesmo objectivo enviou também mensagens à ONU, à Assembleia Inter-Parlamentar Mundial e aos presos políticos, da qual extraímos as seguintes passagens:

«Dirigimo-nos a quantos padecem nos cárceres uma injusta prisão para vos dizer que não estais esquecidos na vossa longa amargura e que deste lado do oceano muita gente conhece a vossa tragédia e se pôs em movimento para a fazer terminar». A mensagem termina dizendo: «Nós, parlamentares da América Latina, esforçamo-nos até ao máximo das nossas forças para ajudar a criar a chave que abrirá os ferrolhos que vos mantêm prisioneiros».

Da Conferência da Europa Ocidental para a Amnistia em Espanha, realizada em Paris em Março de 1961, saiu uma «Declaração» que é na essência, a proposta para uma Conferência semelhante a favor da Amnistia em Portugal. Essa Conferência, proposta por personalidades mundiais de destaque, está em organização, segundo relata o jornal de S. Paulo «Portugal Demo-

OS TRABALHADORES UTILIZAM OS SINDICATOS PARA A DEFESA DOS SEUS INTERESSES



Os Sindicatos Nacionais, apesar de fascistas, podem ser utilizados na defesa dos interesses e dos direitos dos trabalhadores desde que estes saibam lutar organizados, apoiando as direcções sindicais honradas e desmascarando e expulsando dos sindicatos os rafeiros do patronato e do fascismo, exigindo eleições honestas e fazendo eleger trabalhadores da sua confiança. Frequentes exemplos nos mostram a justeza deste caminho.

A direcção do Sindicato dos operários textéis do Porto decidiu aumentar em 1500 a cotização sindical, o que provocou a indignação da classe. Os operários protestaram dizendo que aquilo era um roubo e em várias fábricas houve discussões na altura dos pagamentos. Destas manifestações isoladas, os operários passaram a um protesto colectivo, numa exposição dirigida ao presidente do sindicato. Nela contestam a validade das decisões tomadas por uma assembleia para a qual os sócios não foram convocados, o que é ilegal e contrário ao que os Estatutos determinam.

Há fábricas em que os operários têm assinado em peso e a recolha de assinaturas continua.

Desde há 6 anos que esses laiaos dos patrões e do Governo não apresentam contas à classe e agora, elevando as cotas para 2\$50, passariam a receber, de mão beijada, mais 25 contos por mês! É tempo de ensinar a Direcção que o Sindicato é dos operários e de não consentirem que tome decisões arbitrárias contra a vontade colectiva dos

seus associados.

—Tortozendo— A Direcção do Sindicato da Covilhã deslocou-se à secção do Tortozendo no dia 9 de Agosto, com o fim de tratar das eleições para a direcção daquela secção e para ouvir a opinião dos operários textéis do Tortozendo sobre uma proposta para a remodelação do actual C.C.T., pedindo um aumento de 80% nos salários, a dirigir ao Ministro das Corporações. Os operários que enchem completamente a sala do Sindicato, ficando muitos de fora, pediram para a proposta incluir a necessidade de maiores direitos sindicais para os operários. Foi eleita pelos operários presentes uma lista para as eleições da secção que o Sindicato vai pedir ao ministro.

Uma Missão da Acção Social de

Outras lutas operárias

Foram recolhidas mais 280 assinaturas para a exposição enviada pelos operários textéis do PORTO ao Ministro das Corporações, protestando contra o pagamento de 25%, dos medicamentos. Juntamente com as 400 assinaturas já enviadas, perfazem um total de 680.

—SACAVEM— na Fábrica da Loica, os operários, depois de uma semana inteira de protestos contra os 3 dias de trabalho e as transferências para secções onde ganhavam menos, conseguiram vencer, passando à semana inteira de trabalho e às condições que tinham anteriormente. A unidade e firmeza dos operários, fizeram recuar o patronato, receoso duma greve como há anos.

—Os operários da FÁBRICA DE CORTIÇA WICANDER, do Seixal, conseguiram pela sua luta um aumento de 15% nos seus salários.

—GUERIN, (PORTO)— A gerência tentou convencer o pessoal a trabalhar mais uma hora por semana para pagamento antecipado dos feriados. O pessoal recusou unanimemente.

—COIMBRA— Como o novo contrato colectivo dos garagistas só abrange Lisboa, Porto e Leiria, os garagistas de Coimbra dirigiram uma exposição ao ministro reclamando aumento de salários. Numa reunião de garagistas das empresas dos Pedros, Auto-Industrial, Ford e Guérin, formaram uma comissão para encabeçar a recolha de assinaturas.

É GENERAL O CORRUPTO SANTOS COSTA

A promoção a general do nazi-monárquico Santos Costa e a «homenagem» que se lhe prepara é um ultraje a todo o povo e muito particularmente às Forças Armadas.

A acção popular no decorrer das «eleições» presidenciais de 1958 forçou Salazar a demitir o Governo. Mas Santos Costa, o agente e lacão dos imperialistas americanos, o corrupto homem da confiança de Salazar, continuou a manobrar na sombra, a fazer negociações de bastidores.

A sua saída do Governo e agora a sua promoção pelo mesmo homem que o demitiu, só confirma que de pouco serve mudar de homens ou de postos, se o regime continua a ser o mesmo. Aqueles que mantêm ilusões sobre certos apaniguados do regime ou que vêm num putch militar ou golpe de palácio o caminho para derrubar o fascismo que reparam neste exemplo. Não basta substituir homens no governo, é necessário mudar o regime, derrubar o fascismo.

Que a parte sã e patriótica das Forças Armadas proteste contra tal ultraje, se une e organize para se opor à guerra de Angola, apoiar a acção das massas populares e participar, quando o desenvolvimento da luta o permitir, no levantamento em massa da Nação que há de derrubar o ditador fascista.

Castelo-Branco andou nas fábricas têxteis da região a fazer colóquios de propaganda da «associação do trabalho com o capital». Por todo o lado os operários ligavam pouca importância e abandonavam o colóquio. Mas numa fábrica os operários apareceram e fizeram muitas perguntas. Então foi a tal «Missão» que abandonou rapidamente a sala bastante atrapalhada e sem encontrar resposta.

—S. Pedro da Cova— Anteriormente os mineiros podiam faltar 2 dias por quinzena sem prejuízo das férias. Com o novo Contrato Colectivo, uma falta sem justificação representa 5 dias de faltas, e 40 faltas destas fazem perder o direito às férias. Os mineiros fizeram uma exposição dirigida ao Sindicato com 232 assinaturas (mais de metade do pessoal do fundo), na qual reivindicam o direito a perder um dia por quinzena sem qualquer influência nas férias. Entregaram a exposição no Sindicato e embora o presidente quizesse esquivar-se a aceitá-la, perante a concentração massiva dos mineiros e a sua firmeza teve de prometer-lhes que comunicaria ao Ministro a sua reivindicação.

—Carris do Porto— Em fins de Agosto o pessoal dos eléctricos dirigiu-se por turnos ao seu Sindicato para exprimir o desejo de passar a receber salários iguais aos dos seus colegas de Lisboa.

Espinho— Os operários da construção civil desta cidade criaram uma comissão que se deslocou ao Sindicato de Aveiro, para pedir que se crie uma secção em Espinho. Para a petição ao ministro necessitam de 100 assinaturas, que estão a recolher.

OS BANCÁRIOS LUTAM UNIDOS

A luta dos bancários alargou-se rapidamente a todo o país. A combatividade e unidade da classe levaram as direcções sindicais de Lisboa, Porto e Coimbra a tomarem nas Assembleias realizadas a defesa dos interesses da classe numa atitude firme frente ao Grémio, e em total unanimidade de pontos de vista.

Depois da Assembleia Geral em Lisboa, que reuniu cerca de 1.000 empregados como já noticiámos, realizaram-se assembleias nos sindicatos do Porto e Coimbra, que além da presença de mais de 1.000 e de 400 associados, respectivamente, contaram com o apoio de abaixo assinados e telegramas de vários pontos do país.

Pela sua luta os bancários estão dando um exemplo de unidade que deve ser seguido pelos trabalhadores de outras classes.

Os bancários devem continuar a apoiar os dirigentes sindicais sempre que estes se mantiverem firmes na defesa dos interesses da classe mas não devem limitar a luta aos sindicatos. Os banqueiros só cedem se a coacção da classe se reforçar ainda mais e à luta sindical se aliar a luta nos próprios bancos, promovendo concentrações junto da gerência e recorrendo a outras formas de luta, como fazer cera, desorganizando os serviços e indo mesmo até paralizações de trabalho

LUTEMOS CONTRA A GUERRA COLONIAL



A GUERRA CONTINUA

o povo exige a paz

A repulsa contra a guerra da Angola aumenta em todo o país, mas Salazar está disposto a continuar obstinadamente a sua política colonialista. As próprias declarações da ONU, cujos princípios se comprometeu a cumprir, são desrespeitadas abertamente pelo Governo, que diz pela boca do Ministro dos Negócios Estrangeiros: «Não nos perturbemos com eventuais resoluções na ONU e não nos preocupemos mesmo em cumprilas».

Poderá ele ignorar a vontade dos povos? Esta atitude de bravata só é possível ao governo de Salazar porque conta com os seus parceiros da NATO — Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha Ocidental — que lhe fornecem armas e apoiam incondicionalmente a sua política colonial.

A Krupp, financiadora do nazismo alemão, é um dos maiores fornecedores de armamento para Angola.

Contudo, estes apoios são frágeis perante a vontade expressa dos povos de terminar o colonialismo. Ao contrário do que o fascismo procura fazer crer, dando por terminada a recuperação do Norte de Angola, a luta do povo angolano pela sua libertação continua, e Salazar está irremediavelmente balido na guerra de Angola.

Mais um grupo de 35 operárias têxteis enviou uma carta ao Presidente da República da qual transcreveremos os seguintes períodos:

«Nós, mulheres portuguesas, que somos Mães, Esposas e Noivas, que temos já umas o coração entufado para sempre, outras que aguardam a hora terrível em que nos roubem os nossos Filhos, os Maridos ou os Noivos, sentimos a dor que nos despedaça a alma ao vê-las partir para nunca mais voltar.

Não queremos ver partir mais jovens para espalhar o luto e a dor onde pode reinar Alegria, Paz e Felicidade, para bem dos povos de Portugal e de Angola».

Em algumas empresas continuam a tentar arrancar dinheiro para a guerra sem grandes resultados porque os trabalhadores continuam a resistir. A grande maioria do pessoal das conservas de Matosinhos, recusou-se e recusa-se a trabalhar para dar dinheiro para a guerra.

No BRINDLEY o patronato fez nova tentativa para arrancar dinheiro aos operários, mas estes, tanto os que já deram como os que ainda não deram, recusam-se, dizendo que já é de mais.

No dia desportivo para Angola em

COIMBRA, a assistência era tão reduzida que os jornais noticiaram o facto, comentando que foi «talvez porque o programa tinha pouco interesse».

Notícias do descontentamento e resistência contra a guerra de Angola chegaram em certas e informações de milhares que lá se encontram. Diz um: «a situação, se bem que não tenha piorado, não se pode dizer que esteja melhor... o que é certo é que este problema tão difícil de resolver não se vê solucionado, tal o sentimento de ódio que os cidadãos negros tinham por toda a corja de exploradores e, implicitamente, por todos nós... mandam o Exército a tentar resolver o problema, roendo os ossos» donde outros tiraram a carne». Isto seria uma opinião sem valor se a opinião não fosse gerata.

E outro, em operação em Carmona, Angola:

«A situação vai-se tornando pior e dentro de pouco tempo o problema alimentar será uma triste realidade». E sobre os morticínios de patriotas negros, diz: «Aqui em Carmona conseguimos eliminar perto de 2.000 logo no primeiro mês». Comentando a situação acrescenta: «Não sabemos o que o futuro nos reserva, todavia é bastante negro e ténico o horizonte que se vislumbra pelo que contamos com piores dias».

Grandes distribuições de manifestos contra a guerra de Angola têm sido feitas de Norte a Sul do país. No Porto e arredores fizeram-se grandes distribuições pelas ruas e nas fábricas e, em Matosinhos, distribuídos à mão na festa dos pescadores.

Em LISBOA, arredores e na margem Sul as distribuições têm alcançado grande aceitação.

Na noite de 6 para 7 de Agosto apareceram no Porto e arredores perto de 30 cartazes de mais de meio metro, com os dizeres «Abaixo o fascismo» «Fora Salazar», uns colados nas paredes, outros em fitas de pano penduradas. Na hora da entrada para as fábricas os operários paravam a lê-los e comentavam-nos com agrado. A porta duma fábrica um PSP, furioso, mandou os operários arrancá-lo. Mas ninguém se ofereceu.

Alguns barcos que fazem o trajecto Lisboa — Almada apareceram com grandes disticos pintados no costado: «Abaixo Salazar!», «Queremos eleições livres», «Fora a guerra em Angola!»

SOLDADOS! avante na luta!

As frequentes e crescentes acções dos soldados portugueses, apesar da feroz repressão da oficialidade fascista, são um motivo de orgulho para o nosso povo.

Os variados levantamentos de rancho e insubordinações colectivas, as deserções individuais e massivas, a resistência e a recusa a embarcarmos para as colónias, verificados em numerosos quartéis do país, constituem corajosas acções dos soldados não só contra a infame guerra de Angola mas também contra o hediondo regime que explora e oprime o povo de Portugal e os povos das colónias portuguesas.

Tais acções mostram ao país e ao mundo que os soldados não se confundem com os altos comandos fascistas e indicam que o Exército está contra Salazar, que desencadeou uma guerra onde não há prisioneiros, matando e chacinando dezenas de milhares de patriotas angolanos.

O povo deve apoiar as acções dos soldados e os soldados as acções populares. A manifestação nas ruas de Chaves, onde participaram militares e civis e as acções de Beja e Fafe contra a PIDE e as forças repressivas, em que o povo e os soldados se apoiaram mutuamente, são exemplos que devem ser seguidos por todo o país.

— Em Gaia, no quartel da Serra do Pilar — Artilharia Pesada N.º 2

— os soldados da reserva que tinham sido chamados há já alguns meses, indignados por ainda não os terem mandado para casa, recusaram-se a comparecer na ginástica. Um deles foi acusado pelos superiores de ser

o «cabeça» e castigado com 20 dias de prisão, o que provocou a indignação dos restantes que o defenderam dizendo que ali não havia «cabeças», porque «cabeças» eram todos eles, e continuam a exigir serem enviados para casa.

— Aveiro: Neste quartel houve nos primeiros dias de Agosto um levantamento de rancho. Já há bastante tempo que os soldados vinham a protestar quanto à qualidade da alimentação que lhes era fornecida. Nesse dia, a companhia que primeiro entrou para o refeitório, verificando mais uma vez que o rancho era mau, começou a protestar batendo com os pratos e colheres. O comandante da unidade, enfurecido, deu com uma terrina num soldado, que teve que ir receber curativo à enfermaria. Entretanto, uma outra companhia que estava na parada à espera de entrar para o refeitório, começou lá fora a fazer barulho. Isto obrigou o comandante a mandar preparar outra comida, mas a grande maioria dos soldados recusou-se a comer em sinal de protesto.

— Corre que em Mafra 13 soldados mobilizados para seguir para as colónias fizeram estragos na messe dos oficiais e quiseram bater no comandante. Depois desapareceram todos do quartel.

— No Regimento de Engenharia 1. em Lisboa, 1 alferes, 1 furriel e 18 soldados tentaram fugir da prisão onde se encontravam por se recusarem a partir para Angola, mas como foram descobertos, continuam presos.

Um oficial miliciano africano, chamado Lima, que fora enviado de avião para Goa, ao passar no Cairo desertou e pediu asilo político.

No campo de Santa Margarida apareceram muitas tarjetas aconselhando os soldados a recusarem-se a partir para Angola. Na base do Montejusto, uns 150 soldados e cabos fizeram um boicote quase total ao serão da FNAT como protesto contra a má alimentação para a administração arranjar dinheiro para pagar a festa.

Adiante na luta contra a guerra colonial e pela libertação de Portugal da ditadura fascista.

AS BASES DA NATO

são uma grave ameaça para o país



Os imperialistas norte-americanos e seus parceiros da NATO não só se recusam a uma solução pacífica e negociada do problema de Berlim e da Alemanha, como intensificam o rearmamento dos revanchistas da Alemanha Ocidental. Tal facto, juntamente com a recusa do plano da União Soviética para um desarmamento geral e completo, constitui a principal origem do agravamento da situação internacional e representa a mais grave ameaça à paz na Europa e no mundo.

Para Portugal, que participa na NATO e cede parcelas do território nacional para a instalação de bases militares americanas e armazenamento de bombas atómicas (nos Açores), a ameaça à paz significa um perigo mortal para todo o povo português. «O governo de Salazar — salienta um recente manifesto do Comité Central — sempre viu na guerra a possibilidade de sobrevivência do seu regime e alinha abertamente ao lado dos imperialistas e fomentadores da guerra».

Estas circunstâncias fazem recair sobre todo o nosso povo uma enorme responsabilidade. A guerra, caso seja desencadeada, será inevitavelmente uma guerra nuclear que provocará a morte de milhões de pessoas e a destruição de nações inteiras. E as bases militares da NATO, onde quer que se encontrem, serão os principais e mais imediatos alvos dos foguetões.

Por isso as bases da NATO instaladas em Portugal (nos Açores, no Montijo, em Espinho, etc.) representam uma permanente ameaça para todo o país. A destruição dessas bases por meio de armas nucleares implica o aniquilamento dos aglomerados vizinhos (Margem Sul do Tejo, Lisboa, Porto, etc.) senão a exterminação do país inteiro.

A luta contra as bases militares estrangeiras, pela saída de Portugal da NATO e por uma política de neutralidade e convivência pacífica com todos os Estados amantes da paz é hoje, mais do que nunca, uma necessidade nacional. É a própria sobrevivência do povo português que está em causa.

Dai a necessidade de organizar e desenvolver as mais variadas acções contra as bases estrangeiras, especialmente nas regiões onde estão instaladas tais bases.

NOTAS E COMENTÁRIOS

No último «Avante!» denunciámos as falsidades das notícias transmitidas pela Emissora Nacional, por um tal Ferreira da Costa, para o qual os soldados que se encontram em Angola estão todos e sempre de excelente saúde.

A confirmar o que dissemos, o «Século» de 1 de Outubro noticiava que foi ouvida uma mensagem do soldado Alvaro Marques Torres, de Benfite, Montégua, «que dizia estar bem e de saúde, quando tinha morrido em combate no dia 8 do mês passado», acrescentando: «Segundo informações duma cunhada, era já a terceiro mensagem que o Marques Torres enviava depois de morto».

Também um soldado que regressou de Angola com um braço decepado e outras mutilações ouviu, ele próprio, o tal Costa afirmar pela Emissora que os País do soldado podiam estar descaçados, porque o filho se encontrava bem de saúde!!! PORTUGUESES, PAIS, MÃES, ESPOSAS E IRMÃS DE SOLDADOS: Protestai contra estas ignóbeis falsidades que são bem o testemunho do desprezo dos salazaristas pela saúde e vida dos vossos entes queridos.